

## *Communication Power.*

CASTELLS, Manuel. Oxford: University Press, 2009. 608 p.

---

Por Isabel Orofino<sup>1</sup>

A leitura do novo livro de Manuel Castells parece reafirmar seu mérito não apenas como um dos maiores pesquisadores e teóricos das sociedades contemporâneas, mas também como fluente escritor, dono de estilo muito próprio, na medida em que articula particularidades de suas memórias e vivências políticas durante a ditadura franquista na Espanha. E assim, partindo de relato pessoal, ele nos propõe uma reflexão sobre transformações de caráter estrutural mais amplas e definidoras de novo contexto social e histórico, o qual ele próprio ajudou a conceituar como a *sociedade de redes*.

Em *Communication Power* (Oxford, University Press, 2009), ainda não traduzido para o português, Manuel Castells oferece reflexão vigorosa, substantiva e muito fundamentada sobre os modos como o poder se reconfigura, dissimula-se e é potencialmente subvertido por meio de dinâmicas que se estabelecem na nova (des)ordem social. Pois, na modernidade tardia, o aparato midiático torna-se o principal expoente do poder, o construtor da sua visibilidade e o maior vetor para a sua ação ideológica e a sua influência.

Para os estudiosos da comunicação e da mídia, este é mais um dos tratados teóricos com os quais Castells tem nos apresentado, na medida em que constrói obra vasta e consagrada, digna dos maiores e memoráveis pensadores que marcam o seu lugar de distinção na história das

<sup>1</sup> Professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM/ESPM) junto à linha de pesquisa *Impactos socioculturais da comunicação voltada para o mercado*. É doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), mestre em Educação e jornalista (UFSC). Atua na área de comunicação, ficção e teledramaturgia e também no campo da comunicação, recepção e educação.

ciências. Afinal, o fenômeno do poder continua moldando e definindo a estruturação das relações sociais tanto em dimensões planetárias como nos mais particulares contextos das experiências cotidianas. E no livro a pergunta se faz a partir das relações do poder com a emergência das tecnologias de base microeletrônica e da materialidade digital. Segundo Castells, o poder se redefine na nova sociedade. E continua: “O mais fundamental dos processos, uma vez que a sociedade é definida com base em valores e instituições, e aquilo que é valorizado e institucionalizado é definido por relações de poder”. Como argumento central do livro, Castells define, em noção ampla:

Poder é a capacidade relacional que possibilita a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outro(s) ator(es) social(ais) de modos ou maneiras que favoreçam os interesses, desejos e valores daquele ator que detém o poder. O poder é exercido sob a forma da coerção (ou da sua possibilidade) e/ou mediante a construção de significados, sob as bases de discursos por meio dos quais os atores sociais orientam as suas ações. As relações de poder são estruturadas por dominação, que é o poder que está no alicerce das instituições sociais. A capacidade relacional do poder é condicionada, mas não determinada, pela capacidade estrutural da dominação. (2009:10)

A partir dessa colocação, Castells discorrerá sobre uma teoria social e política das formas de poder em diálogo com autores que contribuíram para a constituição de um campo de reflexão sobre o tema, como Max Weber, Antonio Gramsci, Hanna Arendt, Jürgen Habermas e Michel Foucault, entre outros. Com ênfase epistemológica orientada por uma abordagem de estruturação (sobretudo com frequentes referências à obra de Anthony Giddens), o autor oferece uma leitura do poder que inclui na mesma medida a institucionalização dos recursos da violência e da coerção, e as suas formas de resistência, subversão e superação por parte dos atores coletivos engajados na sociedade civil.

Mas o foco central do livro é o exame detalhado de como o poder é exercitado nas sociedades contemporâneas, cujo fluxo de comunicação

tornou-se amplo, e em que a experiência democrática da vida social se configura a partir de estruturas conflitantes que são negociadas por atores com interesses diversos e que com frequência se opõem. Coloca-se em discussão as bases para uma reflexão sobre as novas formas do poder na chamada “era global”, realidade sócio-histórica em que as redes cibernéticas e telemáticas passam a protagonizar a materialidade da comunicação social. No Capítulo 1, o livro oferece uma teorização sobre o fenômeno das redes, seus nódulos, seus centros, desempenho e funcionamento. E então o autor chama a atenção para as mudanças tecnológicas que viabilizam tal transformação material, e conseqüentemente estrutural, na constituição da chamada “sociedade global de redes”. Nesse contexto, o poder se reconfigura a partir de novos modos de produção e apropriação das dinâmicas que definem o *valor*: do capital, da divisão social do trabalho, das relações de gênero e do uso e disponibilidade de tempo nos chamados empreendimentos de redes. Como destaquei anteriormente, o fazer metodológico de sua análise dá conta de pontuar as relações hegemônicas e contra-hegemônicas ao longo de toda a reflexão. De modo que, ao encerrar o primeiro capítulo, o foco volta-se para os novos modos de mobilização de um “contrapoder”, por meio das ações que se contrapõem ao dominante, utilizando-se dos mesmos recursos de comunicação disponíveis àqueles que detêm o poder de sua manipulação. Na sociedade de redes, o poder político insurgente, que advém dos movimentos sociais, busca utilizar os mesmos dispositivos, introduzindo novas formas, regras e códigos nos programas de redes. De modo que “a resistência ao poder programado das redes também ocorre por meio e através das redes”, o que configura nova dinâmica para o estatuto das relações de poder.

Na seqüência, o livro reflete sobre os diferentes usos sociais da comunicação na era digital e as implicações das mudanças tecnológicas de um sistema massivo para a convergência em um modelo multimedia que possibilita a constituição de um novo modo de interação, a qual o autor conceitua como “*comunicação pessoal-massiva*”, que se caracteriza por formas horizontais de comunicação interativa que conectam o local ao

global em tempos definidos pelos próprios usuários. Aqui é traçado um percurso que evidencia essas transformações nos meios massivos de comunicação, como a televisão e o rádio, diante da emergência das novas tecnologias que possibilitam modos de interação entre os atores sociais por meio da mídia digital, da internet, da rede mundial de computadores (WWW) e dos novos dispositivos *wireless* (sem fio). Castells destaca que não apenas os meios “tradicionais” de comunicação mudaram, mas sobretudo as relações entre os atores sociais que os utilizam, pois hoje eles podem transferir documentos digitalizados e interagir com seus pares em situações de tempo e espaço reconfiguradas. O que não apenas redefine as relações entre os sujeitos sociais em sua cotidianidade, mas muda as relações de produção e trabalho entre as empresas, instituições e organizações. Na nova sociedade de redes, dinâmicas locais são influenciadas por eventos globais e vice-versa. Ainda nesse segmento, o autor oferece um quadro ilustrativo a respeito da organização dos monopólios midiáticos da nova sociedade: *a rede global das redes de mídia*, aquela que define a lógica de articulação da hegemonia em termos de poder econômico, simbólico e tecnológico na contemporaneidade. Talvez uma das maiores contribuições desse trabalho seja o amplo mapeamento (com fartos gráficos e ilustrações) sobre as articulações entre multinacionais midiáticas na constituição dos seus oligopólios. Os quadros apresentam índices e interconexões entre os agentes da mídia comercial em escala global, o que não é apenas rico, em termos do acesso à informação e conhecimento, mas, sobretudo, estratégico sob o ponto de vista político, pois nos mune de evidências para as nossas reflexões e mobilizações em torno de questões como democratização, socialização e regulamentação dos meios. Diante das articulações do poder hegemônico e global da mídia comercial, emerge na contramão dessa lógica um espaço de interação jamais experimentado pelos atores sociais leigos em contextos particulares de recepção. Essas audiências tornam-se mais criativas e participativas em comparação às sociedades de massas. E a “comunicação pessoal-massiva” define os contornos de um “comunalismo” que se ancora em práticas de cosmopolitismo e multiculturalismo.

É o outro lado da moeda, a dialética presente em toda a argumentação realizada pelo autor.

E ainda, no conjunto da ampla cobertura do problema do poder na sociedade de redes, o autor também prioriza as questões relativas à mente e aos modos como a cognição e a emoção se articulam diante da reconfiguração do cenário político no qual o poder torna-se mais vulnerável diante dos riscos da visibilidade midiática e dos escândalos. Novas estratégias de poder reconfiguram a construção da confiança, da crença e da mistificação. O problema do escândalo como fenômeno contemporâneo redefine os arranjos da cena política na medida em que na nova sociedade de redes, com a ampla visibilidade midiática, o acervo de reputação dos atores que disputam a confiança dos eleitores na constituição das sociedades democráticas é permanentemente colocado em risco.

Por fim, Castells discute a reestruturação das novas formas de experiência da cidadania e da política radical, por meio de ampla análise de como os movimentos sociais se reorganizam frente às novas possibilidades de usos das tecnologias de comunicação em rede, com sua estrutura horizontal, que promovem “a emergência de uma sinergia potencial entre uma comunicação pessoal-massiva e uma maior autonomia da sociedade civil em todo o planeta na definição de novos processos de mudança social”. No centro de sua análise estão considerações sobre o papel político de novos atores sociais como o movimento ambiental e as políticas relativas às mudanças climáticas, o ativismo dos movimentos antiglobalização corporativa, as campanhas políticas que utilizam as novas mídias como estratégia de mobilização do eleitorado (o caso Barak Obama 2008), e formas de resistências construídas por meio dos usos da própria rede.

*Communication Power* oferece um tratado de teoria política contemporânea, reunindo amplo conjunto de evidências empíricas sobre o fato de que a mídia, em sua nova configuração de redes globais, não é ator coadjuvante na busca pelo poder, mas é ela própria a estrutura social pela qual o poder se estabelece, definindo, a partir da sua organização por oligopólios, quem detém o controle da veiculação de uma narrativa da vida social. Ao mesmo tempo em que é o veículo que possibilita o

reordenamento da cidadania, da luta social em torno do significado e da construção de visibilidade para os atores da política radical.

Sem dúvida, um livro indispensável para quem pesquisa e reflete sobre a comunicação como elemento constitutivo das relações de poder na sociedade, e que potencialmente luta por modos democráticos e participativos para a construção de uma outra realidade sócio-histórica.